

NEGACIONISMO CIENTÍFICO: SEU CARÁTER IDEOLÓGICO E POLÍTICO E OS IMPACTOS NA CIÊNCIA E NA SOCIEDADE BRA- SILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID 19/CORONAVÍRUS

Douglas Grzebieluka¹

Introdução

O negacionismo científico é um problema de proporções preocupantes na sociedade brasileira atual, tendo em vista a pandemia de COVID-19 e a necessidade de ouvir e seguir as orientações de cientistas sociais e da saúde. Porém, tais questões de negação saltam ao cenário brasileiro e alcançam outros países do mundo, seja por influência do Brasil com os discursos negacionistas de Jair Messias Bolsonaro na mídia nacional ou por discursos inadequados em eventos ou visitas internacionais.

É possível perceber que o negacionismo científico está ganhando força, seja nos discursos políticos institucionalizados, seja no cotidiano de muitas famílias, impactadas direta ou indiretamente por tais discursos de ódio encrustados em opiniões e dados falsos.

A partir da necessidade de discutir o negacionismo científico e algumas de suas repercussões sociais, esse ensaio se objetiva em produzir reflexões a respeito do negacionismo científico e como o mesmo impacta na sociedade brasileira atual. Como objetivos específicos, destaca-se a relevância de se

¹ Doutorando em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). douglasgebeluka@bol.com.br.

identificar o negacionismo é compará-lo ao ativismo científico; assim como explicar as formas pelas quais alguns autores compreendem a postura negacionista.

O estudo justifica-se pela validade de se discutir o negacionismo científico em um contexto histórico delimitado pela pandemia de COVID-19 no Brasil; visto que as declarações governamentais possuem significância no processo atitudinal de boa parte da população, sobretudo àquela sem acesso a conteúdo científico específico ou conhecimento de realidade acadêmica.

Metodologicamente, a pesquisa se define enquanto revisão bibliográfica, qualitativa e com viés explicativo. Dessa maneira, as considerações a seguir expressam o discurso dos autores a respeito do negacionismo científico no contexto brasileiro atual.

Discurso político e negacionismo científico

O negacionismo científico veiculado no discurso político não é algo atual. O pensamento religioso busca combater e descredenciar descobertas e teorias científicas há muito tempo. Um dos exemplos mais conhecidos para ilustrar tal posicionamento é a obra "A Origem das espécies" (2009), britânico e naturalista Charles Darwin, que introduz o evolucionismo e traz relevantes considerações sobre os seres vivos e sua evolução.

O combate ao livro e seu autor demonstram o negacionismo científico para salvaguardar um discurso fundamentalista pautado no conservadorismo cristão. No ano de 2020, o negacionismo científico ganha caráter ideológico e político aguçado pelas redes sociais e por apoiadores de políticos negacionistas. Alguns pseudointelectuais, inclusive, compartilham ideias negacionistas, caso do professor Ricardo Felício, que possui doutorado pela USP, apoia ruralistas e nega o aquecimento global.

Segundo Caponi (2020), o negacionismo pode ser visto como um processo social e, ao mesmo tempo, individual. É individual porque afeta o

particular e torna-se social porque as redes sociais impulsionaram ideias pseudocientíficas, que ganham força em portais de notícias ultraconservadores e um público que não possui capacidade de leitura crítica e reflexiva para comparar dados, questionar fontes ou verificar a procedência das informações.

Para tornar o processo mais complexo, a crise de identidade já enfatizada por Hall (2006) impacta diretamente em cidadãos que não encontram espaço em uma ciência que não garante esperanças e ainda exige melhorias e mudanças comportamentais imediatas para que situações já extremas não entrem em colapso.

Assim, o negacionismo científico passa a ser mais do que um discurso de opinião e passa a fazer parte de um discurso de ódio, que cria rivalidades e impede ainda mais a propagação do pensamento científico e o avanço de pesquisas e práticas importantes para a sociedade. Ademais, vale lembrar que o discurso do atual presidente do Brasil, carregado de preconceitos e do conservadorismo religioso, não promove debates, mas unilateralidade e retrocesso.

Outro ponto de significativa relevância para se entender o negacionismo científico no Brasil e no mundo se estrutura nas teorias conspiratórias, que colocam teorias científicas enraizadas sob o crivo de argumentações rasas e infundadas. Partem de um suposto segredo não revelado por cientistas sob pretextos variados. Dessa forma, reiteram o sensacionalismo como ponto chave para sua raiz argumentativa e relegam os preceitos científicos a processos desonestos dentro de fundamentação cuja base não se sustenta por qualquer razão de ciência.

O negacionismo científico também deve ser descrito, segundo Vilela e Selles (2020), como resultado, e não somente como processo. Isso porque o ato de se negar a ciência influi sobre ações sociais de longo alcance, mas, ao mesmo tempo, é fruto de processos históricos nos quais se mapeiam rupturas e permanências.

A construção do pensamento de que a ciência rivaliza com a religião se constitui da decadência da fé, como arcabouço explicativo para os fenômenos

naturais e para a vida em geral, com a ascensão do paradigma científico em seu lugar. O refluxo das explicações dogmáticas conservadoras no intuito de retomar esta centralidade é parte da estratégia de uma Igreja que tenta, a todo custo, sobreviver. Ao negar a ciência e valorizar a fé, a religião (sobretudo, a cristã) suspira para continuar existindo, captando fiéis com medo da morte e da inexistência de uma vida porvir a posteriori.

Em vista de toda essa complexidade de ações, o atual governo aproveita-se do contexto social do brasileiro, das desigualdades estruturadas, da força das igrejas, do ódio de um povo que sofre, do fascismo da classe média e dos interesses de grupos locais para promover representatividade a discursos retrógrados, por vezes copiados de pseudointelectuais, como o astrólogo Olavo de Carvalho e o jornalista Rodrigo Constantino.

Diante dessa mesma ideologia, Fernandes *et al* (2020) descrevem que ministros foram escolhidos para reforçar posturas conservadoras, alguns indicados por órgãos religiosos ou favoráveis a medidas conspiracionistas. Essa equipe traduz o negacionismo científico como um projeto, verificado em sua intencionalidade de propagar ideias que atendem a uma política liberal, entreguista, dependente dos Estados Unidos e voltada a interesses de grupos elitistas, minorias, mas com efetivo poder de captação de capital.

O lucro dessas instituições passa a ser colocado acima dos interesses coletivos, movido por questões de alienação. E ao mencionar o negacionismo científico, ainda torna-se relevante apontar seu antagonista, que é protagonista do discurso de racionalidade científica: o ativismo. Segundo Marques e Reis (2018), o ativismo científico se edifica não apenas como conceito, mas como prática das ciências, de modo geral.

O ativismo científico, para os autores Marques e Reis (2018), incide sobre a valorização da ciência e também de sua imagem pública. Da mesma forma, o ativismo se traduz em maior conscientização e valorização do conhecimento científico para decisões políticas, econômicas, sociais e estruturais, com relevância para toda a sociedade. Mas a atitude negacionista da ciência não pode ser comparada de igual forma com o ativismo, já que a negação não

supõe uma atitude de combate e defesa de uma ideia, ao contrário do ativismo.

Por fim, cabe considerar que ações políticas podem determinar maior valorização ou desvalorização da ciência. Da mesma maneira, a escolha de sujeitos com ideias voltadas ao ativismo científico, preservação do meio ambiente e convergentes com ideologias mais igualitárias e coletivistas podem ser interessantes na construção de uma sociedade futura com maior qualidade.

Dessa maneira, quando o atual governo brasileiro demonstra a negação da ciência, seus interesses estão mobilizados em não gastar recursos com o que a ciência exige e tomar o lugar de heroísmo que não lhe cabe. Sua atitude antivacina, seu negacionismo das queimadas ocorridas no Pantanal e Amazônia, sua aversão às ideias científicas traduzidas por ele mesmo como sendo "de esquerda" e sua postura de indiferença em relação a qualquer pressuposto científico, posicionam seu discurso ideológico aparelhando a outros negacionistas, com maior poder político e econômico, como alguns ruralistas e conservadores religiosos, além de uma parcela de militares com posicionamento retrógrado.

Considerações finais

Diante do atual cenário brasileiro, onde se conservam costumes de desvalorização da ciência e valorização de informações vagas e sem viés acadêmico, os autores selecionados demonstram um discurso coeso e focado no ativismo científico e na racionalização das ações governamentais, como mudança de postura e de ideologia no combate à pandemia.

Porém, nas pesquisas veiculadas percebe-se intencionalidade em manter a postura conservadora, ainda que esta atente contra vidas e coloque o país em risco, pois é o que mantém a base ideológica do governo. Dessa maneira, combater o negacionismo científico é também combater o conservadorismo que só serve a uns poucos e enfatiza que o conhecimento ativista deve ser valorizado.

A pesquisa corrobora para se verificar que o Brasil não vive uma "era de trevas", visto que existem pesquisadores produzindo conhecimento de

qualidade e com enfoque na melhoria das atuais condições sanitárias brasileiras. Porém, tais pesquisadores ainda se encontram desvalorizados. Dar visibilidade a esses sujeitos é abrir caminhos para novas resoluções, capazes de salvar vidas e recolocar a ciência em seu lugar de destaque na sociedade.

Referências

Caponi, S. (2020). Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 209-224. Recuperado em 05 janeiro, 2021, de <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.013>

Darwin, C. (2009). **A origem das espécies**. Tradução de André Campos Mesquita. SP: Editora Escala.

Fernandes, C. M. *et al.* (2020). A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5317- e5317. Recuperado em 05 de janeiro, 2021, de <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5317/5103>

Hall, S (2006). A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva, Guaraceiro Lopes, 11º ed. RJ: DP&A.

Marques, A. R.; Reis, P. (2018). O desenvolvimento de exposições científicas como estratégia de ativismo em contexto escolar. **Questões sócio-científicas: Fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas**, p. 491-514. Recuperado em 05 de janeiro, 2021, de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/35698>

Vilela, M. L.; Selles, S. E. (2020). É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico?. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1722-1747. Recuperado em 05 de janeiro, 2021, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/74999/45005>